



Ricardo Azevedo

Ninguém sabe o que é um poema

Ilustrações
do autor

ea
editora ática

Ninguém sabe o que é um poema
© Ricardo Azevedo, 2004

Diretor editorial adjunto	Fernando Paixão
Coordenadora editorial	Gabriela Dias
Editor assistente	Fabio Weintraub
Redação	Fabio Weintraub Pólen Editorial
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Alessandra Miranda de Sá Cátia de Almeida

ARTE

Projeto gráfico	Marcos Lisboa, Suzana Laub, Katia Harumi Terasaka, Roberto Yanes
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Maria Azevedo, Moacir K. Matsusaki, Claudemir Camargo
Pesquisa iconográfica	Sílvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A988n

Azevedo, Ricardo, 1949-
Ninguém sabe o que é um poema / Ricardo Azevedo ;
com ilustrações do autor. - São Paulo : Ática, 2005
il. - (Quero ler)
Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-09660-2

1. Poesia infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

04-3209. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 09660-2 (aluno)
ISBN 978 85 08 09661-9 (professor)

2014
1ª edição
10ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2005
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Uma bagunça que acorda a linguagem

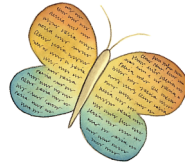
O livro que você tem nas mãos é uma antologia de poemas. Poemas são textos inventados por poetas. Poetas são sujeitos inconvenientes, cheios de vontades, que adoram fazer bagunça e mudar tudo de lugar. Mal eles chegam, já vão logo enfiando o dinheiro no aquário, o peixe na carteira, pianos na planície e capim na lapela.

A fim de bagunçar de verdade, aproveitam-se da inocência das palavras: vão bolinando as mais sonsas e as obrigam a dizer coisas estranhas e imprevistas. Para tanto, valem-se não apenas do significado imediato de cada termo, mas também de seu som, seu peso, sua cor e do ritmo que muitas vezes se insinua entre duas sílabas, duas respirações. Contrariando dessa forma os hábitos e convenções, parece que eles acordam a linguagem de uma espécie de sono, enriquecendo-a com novas possibilidades de sentido.

Ricardo Azevedo, autor deste livro, pertence a essa classe de bagunceiros que não vieram para explicar coisa alguma, mas antes para partilhar suas inquietações. Inquietações sobre a natureza e a vida na cidade, sobre o amor e a violência, o amadurecimento pessoal, o mistério que são os outros e a própria poesia.

Seus temas podem variar, assim como as formas por ele escolhidas (versos em redondilha, decassílabos, alexandrinos, versos livres, quadrinhas populares, estrofes com rima, sem rima etc.), mas em toda a parte você pode testemunhar a disposição para tratar concretamente de coisas abstratas e vagas, como ideias, sentimentos e sensações. É isso que o leva, por exemplo, a se perguntar sobre “a largura do tédio, o peso da tristeza, o limite do sonho” (“Problemas de cálculo”, p. 58), a falar da violência em termos botânicos (“Pézim de violência”, p. 43) ou a mobilizar noções da física para transfigurar uma declaração de amor (“Confissão com fissura”, p. 19).

Em suma, são mais de trinta poemas repletos de humor, lirismo e reflexão o que se oferece nas próximas páginas para deleite e espanto do leitor. E se no final “ninguém sabe o que é um poema” é porque esse é um conhecimento pessoal e intransferível, uma aventura que ninguém pode viver em nosso nome.



Sumário

- Às vezes | 7
Eu passei um dia inteiro | 9
Passarinho do caminho | 11
Joaquim e Maria | 12
Naquele tempo | 15
Pra variar | 16
Sei lá | 17
Confissão com fissura | 19
Poema mecânico | 20
Você é importante | 21
Clube dos corações solitários | 22
Sei que sou teu amor | 24
Certa vez | 25
Dama encantada | 26
Gosto muito de rimar | 27
Quem gosta de lixo... | 28
Quem vem lá boiando no rio? | 31
Passarinho das ideias | 33
Questionário | 34
Ninguém sabe o que é um poema | 35
Lição do dia | 36
Esqueci de lembrar | 37
Motoqueiro | 39
Só com meu umbigo | 40
Pézin de violência | 43
Outra pessoa | 45
Pobreza | 47
Epidemia | 49
Poema do tempo | 50
Nós | 51
Acende a luz | 52
Você | 54
Requerimento | 55
Malabarista | 57
Problemas de cálculo | 58
Lá e aqui | 59
Vivo feliz no meu armário | 60
A utilidade mais inútil | 63
Referências bibliográficas | 64
Quero mais | 65

Às vezes

Às vezes sou pensamento
Às vezes sou emoção
Às vezes misturo os dois
Às vezes não

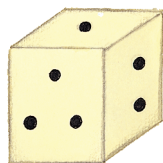
Às vezes eu tenho pressa
Às vezes vou de mansinho
Não sei se sou avião
Ou passarinho

Às vezes eu vivo aqui
Às vezes vivo na lua
Às vezes abro o portão
E vou pra rua

Às vezes olho pra fora
Às vezes olho pra dentro
E quando não sei a hora
Eu pego e invento

Às vezes faço o que devo
Às vezes faço o que quero
Às vezes não sei se quero
Ou se não quero

Às vezes sinto tristeza
Às vezes sinto alegria
Às vezes eu viro noite
Às vezes, dia



Às vezes ouço que é sim
Às vezes ouço que é não
Às vezes só ouço
Meu coração

Às vezes tenho o problema
Às vezes tenho a resposta
Às vezes tem solução
Às vezes não

Às vezes eu sou menino
Às vezes me sinto velho
Às vezes acho que o tempo
É um mistério

Às vezes sinto esperança
Às vezes quase desisto
Às vezes nem sei por que
Eu existo

Às vezes venho pra junto
Às vezes ando sozinho
E fico lá na distância
Pertinho

